

A IDENTIDADE TRAVESTI EM UMA SOCIEDADE HETERONORMATIVA NO CONTO “UM ERRO DE CÁLCULO”, DE SÉRGIO SANT’ANNA

Késsia Poliana Santos Soares

Graduanda em Letras pela Faculdade Sete de Setembro – Fasete. keussia@gmail.com

Joranaide Alves Ramos

Licenciada em Letras, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e Mestra em Estudos Literários. Está professora da Faculdade Sete de Setembro - Fasete e do Instituto Federal da Bahia – Ifba, Campus Paulo Afonso. nad.alvesramos@hotmail.com

RESUMO

Este artigo aborda sobre a travesti no conto “Erro de Cálculo”, de Sergio Sant’anna, na obra *Voo da madrugada* (2003). Para tanto, discutiremos sobre o conceito de travestilidade e também suas implicações na sociedade heteronormativa. Realizamos, pois, ocorreu uma pesquisa bibliográfica, baseando-se em Louro (2008), Moita (2003), Bourdieu (2003), Butler (2010).

Palavras-chave: Heteronormatividade. Sérgio Sant’Anna. Travesti. Voo da madrugada.

ABSTRACT

This paper aims to approach the transgender in the story “*Erro de Cálculo*”¹, by Sergio Sant’anna, in the work “*Voo da madrugada*”² (2003). For this, it will be discussed the concept of transgender identity and also its implications in the heteronormative society. Therefore, we carry out a bibliographical research based on Louro (2008), Moita (2003), Bourdieu (2003), Butler (2010).

Keywords: Heteronormativity, Sergio Sant’anna, transgender, Voo da Madrugada

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, de natureza bibliográfica, temos como objetivo a necessidade de abordar a temática da identidade travesti, uma vez que é pouco tratada e sofre com o preconceito diário, portanto ao buscar discutir o tema, desmistificando alguns estereótipos e imposições sociais que o conto abordado traz à tona ao debate visa-se uma forma de discutir sobre a identidade de gênero e as diversas formas do ser.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

Efetuada a leitura crítica do conto “Um erro de cálculo” e suas características a partir da perspectiva da identidade travesti, e ainda conceituando-o a identidade travesti e as implicações de assumi-la, procurando entender o personagem Maurício e sua identificação com a personagem Branca em uma sociedade patriarcal e heteronormativa.

De modo, questionando o seu interesse pela feminilidade, uma vez que é um homem hétero, e o questionamento: até que ponto é atração física ou a representação dele mesmo em outra forma, já que a heteronormatividade é colocada como padrão e imposição social? Além disso, apresentar o conceito de sociedade patriarcal e heteronormatividade para mostrar as suas implicações sociais que resultam em desigualdade de gênero e preconceito, discutindo sobre a Travesti em sociedade: desde sua identidade até sua marginalização.

Dessa maneira, na intenção de abordar o tema e colaborar na diminuição do preconceito, ademais, a temática da heteronormatividade também pode ser analisada e ajuda a trazer outros questionamentos sobre o padrão de gênero que é prejudicial às mulheres cis e não-cis, acarretando também na masculinidade tóxica e diversos problemas na estrutura social.

Os principais autores citados para fundamentar esta pesquisa foram Louro (2008), Bourdieu (2003), Butler (2010), etc. Desse modo, utilizando do livro “*A dominação Masculina*”, de Bourdieu, para conceituar sobre a sociedade que domina a mulher através do gênero, impondo o homem como superior. E também, usando Louro para debater sobre gênero e a sexualidade e para embasar o estudo sobre o construção do gênero social, utilizamos Butler com a obra “*Problemas de gênero*” além disso para discutir sobre identidade, foi utilizada a obra “*Os Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*” de Moita visando debater sobre a elaboração discursiva da identidade social.

2 A SOCIEDADE HETERONORMATIVA: BUSCA PELA HOMOGENEIZAÇÃO E A REVOLUÇÃO DA TRAVESTI NA SOCIEDADE PADRONIZADA

"Deus, quando eu conhecer você, ficarei bonita, nem que seja a última coisa que eu faça, eu serei um anjo lindo"
(Rayon olhando-se no espelho – Clube de Compras Dallas)

A tentativa de padronizar a sexualidade visando controlar a maneira de envolvimento e identificação do ser, procura o enquadramento por meio da heterossexualidade, definindo e

direcionando os desejos e como expressar a sexualidade. Além disso, impondo a maneira de exhibir seus corpos à sociedade, este padrão é denominado de heteronormatividade, partindo do conceito da definição biológica do homem e mulher, por meio dos órgãos reprodutores. Desse modo, as representações de gêneros que são impostas pelo padrão de gênero, como a funcionalidade da mulher voltada para atividades domésticas e o homem como patriarca da família. Tal termo surge em 1990 pelo teórico Michael Warner, mesma época que o movimento LGBT estava ganhando mais espaço e sendo discutido pelos membros do movimento e também por aqueles que não o aceitavam, isso remota ao preconceito contra o público LGBT, e os valores da sociedade heteronormativa.

A ordem social expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. A heteronormatividade sublinha um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo (MISKOLCI, 2009, ps. 156-157).

Em sociedade existem as desigualdades que se sustentam nas condições de gênero, desde a infância, a partir do nascimento quando constatado o órgão sexual do recém-nascido já desencadeia as imposições por causa do padrão de gênero, se for fêmea será moldada segundo o que a sociedade considera destinado à mulher, desde a educação para casa e a busca pelo matrimônio, por outro lado se for homem: ele será destinado a ser o “macho alfa”, exibindo masculinidade e sendo exaltado pelo simples motivo de ser homem. Assim, as diferenças biológicas constituídas socialmente geram tratamento diverso, ocorrendo o desequilíbrio entre os sexos, a mulher como ser inferior e o homem como superior. —Dois espaços determinados: a mulher como reprodutora e o homem como provedor —atribuindo estereótipos do que é ser homem e mulher em sociedade, como se o homem fosse tão simples para ser resumido pelo órgão genital. Como afirmam Saffioti & Almeida (1995, p.23), o gênero, assim como a raça, a etnia e a classe social, são fundantes das relações sociais, pois equilibram as relações homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher. De tal maneira as autoras corroboram a concepção do gênero que foi construído socialmente implicando na ideia da sexualidade que é imposta como recurso do homem hétero para ser detentor do poder.

A heteronormatividade é um processo de imposição que resulta em determinadas obrigações que devem ser seguidas, para o público LGBT, dando ênfase as mulheres transsexuais e travestis que ao recusarem a masculinidade que o órgão sexual impõe sofrem mais represálias da sociedade, assim, tornando-se mais marginalizadas socialmente, porém, esta imposição também chega ao público heterossexual.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

“A hegemonia de algumas masculinidades sobre outras se dá nesse sentido: ela é exercida quotidianamente (práticas sociais), produzindo saberes sobre o homem que se reforçam e se constroem nas relações formadas entre homens e entre homens e mulheres no seu quotidiano e através da história. Esses saberes são produtores de efeitos de poder, reforçam e integram as práticas de dominação e submissão, e no seu movimento também alteram e subvertem essa dominação.” (FOUCAULT, 1979, p.12).

As práticas sociais estabelecidas ocorrem na tentativa de padronizar a sociedade, a criação de maneiras de ser para a mulher como frágil e zeladora, que utiliza da sua feminilidade para agradar o seu marido e que reforça alguns estereótipos foi uma construção que resultou na desestrutura social, também foi criado um padrão para o homem através dos tempos o homem foi colocado como alfa. Portanto, esses padrões sociais são detentores de poder já que criam uma disparidade entre os sexos, reforçando a submissão de um gênero e a dominação do outro, de tal forma, o homem foi colocado como detentor do poder e aqueles que estiverem fora deste padrão serão inferiorizados e excluídos por não se encaixarem na reprodução social.

O dispositivo da sexualidade vinha sendo construído pelos discursos da igreja, da psiquiatria, da sexologia, do direito, desde finais do século XIX. Tais discursos produziram classificações, dividiram indivíduos e práticas, criaram “espécies” e “tipos” e, simultaneamente, modos de controlar a sexualidade. (LOURO, 2009, p. 136)

As instituições sociais regulam o patamar superior do falo que desencadeia o falocentrismo, resultando na imposição de normas que colaboraram com a exclusão e inferiorização da população que não tem o órgão sexual masculino ou se recusa a exercer a invenção da superioridade masculina. Portanto, tais meios têm como consequência o controle da população e como exercer a sexualidade e identidade, de modo que continua criando discursos para a maneira de como habitar os corpos. Porém, a população transgênero acaba perpassando este discurso e questionando as convenções sociais que foram estabelecidas pela classe dominantes: o homem hétero.

“O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2010, p. 59)

O gênero como convenção foi transmitido com base nas representações sociais compactuando com a divisão de classes. Dessa maneira, naturalizando a distinção que o conceito de gênero é cristalizado e dividido somente em masculino e feminino, o ser não exerce a liberdade de escolher em qual se identifica, desde do nascimento já está enquadrado em inferior ou superior. Todavia, acaba por haver transformações e transgressões ao pensarmos na travesti.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

Para abordar esta temática é necessário que ocorra a compreensão do que seria identidade e a sua construção. De tal forma, a identidade é construída por vivências, sendo algo que irá se desenvolvendo por toda a vida do ser humano, sendo a maneira que descreve o ser que transpassa pelas suas características sociais como etnia, classe social e econômica, etc, que fazem parte de sua identidade. Em vista disso, a construção da identidade atribui-se de maneira individual. A construção do eu é algo subjetivo, sendo desenvolvido por todo ser humano que constrói quem ele é, a partir de sua identificação e como se reconhece no mundo, logo fatores sociais e culturais colaboram nessa construção.

Nesse processo de produção do eu, os sujeitos colocam em evidência sua criatividade, a partir do momento em que conhecem o que desejam vivenciar; constroem, nesse sentido, sua imagem a partir de práticas de liberdade utilizadas na (re)invenção do seu corpo e na reconstrução de sua própria vida. As práticas de liberdade consistem em maneiras ou em formas que damos à subjetividade. A liberdade refere-se à construção da própria vida a partir de maneiras determinadas pelos próprios sujeitos (CASTRO, 2009).

A identidade é o meio de criar sentidos particulares, condizendo com sua realidade e com a maneira particular de enxergar o mundo. Ao abordar esse tema, outro acaba sendo atrelado: a liberdade, somente com a libertação o ser é capaz de assumir-se como é, criando novas significações para sua vida. Dessa forma, um exemplo de libertação e ressignificação é a travesti, que desenvolve primeiro uma identidade moldada no órgão sexual, porém, posteriormente perpassa essa modelagem e aceita sua identidade feminina e criando novos símbolos para poder exibi-la, seus corpos são signos que criam significado.

De modo, afirma Benedetti (2005): “Outro aspecto importante, é que as travestis percebem o corpo não apenas como atributo social, mas suas verdadeiras identidades sociais, pois este processo faz parte inclusive da sua formação enquanto pessoa”. Portanto, a elaboração do corpo da travesti está além de ser somente uma característica do seu corpo, torna-se sua identidade, para exibir quem é para a sociedade e o processo para a transição travesti é reivindicar sua liberdade de ser diferente do padrão social.

O pertencimento às categorias transexual e travesti implica a identificação com o gênero oposto ao que lhe foi conferido socialmente ao nascer, sendo ainda possível transitar entre os gêneros feminino e masculino. A expressão corporal do gênero, identificado através de sua transformação, travestilidade e trejeitos, tem questionado as teorias que veem o gênero como unicamente atrelado ao sexo e formado pelas polaridades, carregadas por normas e valores, masculino e feminino (Argentieri, 2009; Barbosa, 2010; Butler, 2010).

Faz-se necessário exibir o conceito de Travesti e as diferenças da transexual, a Travesti afirma sua feminilidade por meio dos trejeitos e do seu corpo nas vestimentas, a escolha de

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

um nome feminino, utilização da maquiagem e dos cabelos, também utilizando de hormônios femininos, na intenção de exibir sua identidade feminina, então a travesti utiliza dos instrumentos padrões historicamente voltados para a mulher para exercer seu feminino, por isso uma das vontades da travesti para aperfeiçoar seu corpo aos moldes femininos é o implante de silicone, muitas vezes feito por meio de aplicações perigosas e clandestinas, já que a cirurgia é de alto custo financeiro. Desse modo, a travesti identifica-se como mulher, porém, não tem intenção de fazer a transgenitalização, e não se incomoda com o órgão sexual masculino, diferentemente da mulher transsexual que tem como objetivo a cirurgia por não se identificar com o órgão sexual, que muitas vezes só gera tristeza para a mulher trans que não tem condições de pagar pelo processo e afirma que *nasceu no corpo masculino, no corpo errado*, portanto, o órgão genital só a faz lembrar de sua não-identificação com seu corpo.

O corpo transforma-se em um meio de expressão do ser humano que se veste para enquadrar-se em estilos que buscam mostrar sua identidade, de forma mais acentuada acontece com a Travesti que usa o seu corpo para performar sua identidade feminina, assim, exibindo feminilidade. O corpo é um signo que atrai um significado para cada ser, mas, para a travesti: a criação de sentidos sobre seu corpo é prova de sua identidade, a busca por modificações físicas como o silicone e outras cirurgias plásticas com a intenção de seu feminino interior esteja refletido em seu corpo, desse modo a procura pela feminilidade é uma construção de sentidos para a Travesti.

De tal forma, o conceito de identidade baseado no órgão sexual é questionado e quebra a afirmação que a genitália rege a identidade e que impõe quem elas são, assim, a sua busca a feminilidade imposta sobre as mulheres e se arrisca negando a masculinidade e o falocêntrico, então compreende-se mulher e demanda o seu direito de ser chamada pelo artigo feminino. A travesti é uma eterna busca para ser aceita por sua identidade, sendo uma desconstrução do que está estabelecido.

“é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecível!” (LOURO, 2016, p. 7-8).

A transição da travesti contribui como rompimento das normas, de modo que em uma sociedade que foi regulada pelos padrões das instituições de poder elegendo o homem como patriarca e detentor desse poder, além disso, enquadrando a identidade dos seres a partir do seu nascimento, não há surpresas no momento que transgredir essas regras tenha provocado

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

um desconforto em sociedade. Indubitavelmente, a travesti sofre as consequências de ser a frente de seu tempo ao burlar a elaboração social. Por isso, há o preconceito e exclusão dessas pessoas. No próximo tópico iremos abordar as implicações de ser uma travesti em sociedade: o preconceito, violência e a exclusão.

3 A TRAVESTI: AS IMPLICAÇÕES DA NEGAÇÃO DA HETENORMATIVIDADE

Ela é amapô de carne osso
Silicone industrial
Navalha na boca
Calcinha de fio dental
Linn da Quebrada – Mulher

Como já foi discutido o gênero é uma construção social, sendo uma imposição que faz com que o ser se identifique a partir de sua genitália na tentativa de homogeneizar a sociedade, a intenção é normalizar comportamentos que são previsíveis por parte de homens e mulheres, a crença na concordância entre gênero, sexualidade e corpo que envolve para a mulher, sua vagina/ maternidade,/submissão e ao homem, provedor/ hétero/patriarcalista, portanto, Segundo Louro (2001): “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”. O gênero se faz baseando na cultura de cada povo, uma vez que a cultura também é uma construção social, aliás tendo como função monopolizar o poder na classe dominante, mantendo um modelo que condiga com essa convenção.

A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. À tarefa dessa investigação é centrar-se — e descenrar-se — nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003, p.9)

Dessa forma a convenção de gênero é criada para suportar o falocêntrismo e a heterossexualidade, ambos contribuem para impor a autoridade do homem hétero sobre as mulheres, e também as minorias, resultando em um paradoxo por serem a maioria e mesmo assim viverem em repressão pela convencionalidade do poder regente nos homens.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária estável. (BUTLER, 2003, p.195)

Destarte, o gênero como modelo patriarcal e tradicional é desmontado pela travesti que torna-se indiretamente um meio para enfrentar o falocêntrismo que propugna a heterossexualidade compulsória, só que ocorre que como resposta dessa sociedade desencadeia-se a busca pelo desaparecimento das pessoas que transpassem qualquer imposição. Então, a travesti busca pela sua sobrevivência em uma sociedade que não a aceita.

Observando que o estudo sobre as travestis somente iniciaram sua visibilidade a partir dos anos 2000, e que é uma discussão nova para o mundo acadêmico, anteriormente já ocorriam debater acerca dos LGBTs, tendo como foco os homens gays, não se sabe a principal motivação sobre tais estudos, talvez o avanço da militância LGBT para que houvesse o debate visando colocar em pauta a vivência dos participantes da comunidade, também a procura por reivindicações de seus direitos. Dessa forma, os estudos colaboram em fazer com que a travesti tenha mais visibilidade em sociedade, ajudando a dar voz a uma população que foi/está sendo segregada e morta.

Em tais debates sobre a travesti, o tema principal é sobre a identidade de gênero sendo como a pessoa se reconhece, em determinados casos se reconhecem com o gênero que correspondem ao seu órgão sexual e são denominadas de cis gêneros, mas para as pessoas transsexuais e as travestis ocorre a não-identificação. O transgênero é a denominação para todo indivíduo que não se identifica com o seu gênero, o fato de ser transgênero não correspondente com a orientação sexual, as pessoas transgêneros podem reconhecerem-se como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, etc. Logo, exibindo que gênero e orientação sexual são fatores distintos. Segundo Pelúcio, a identidade travesti é construída por meio dos símbolos que foram denominados femininos:

As travestis são pessoas que nascem com o sexo genital masculino (por isso a grande maioria se entende como homem) e que procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente sancionado como feminino, sem, contudo, desejarem extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. Via de regra, as travestis gostam de se relacionar sexual e afetivamente com homens, porém, ainda assim, não se identificam com os homens homorientados (Pelúcio, 2006, p. 03-04).

A travesti nasce como homem por causa do seu genitália, porém, logo inicia um processo de feminização que contém como foco principal o silicone, uma vez que os seios simbolizam o feminino, a mamoplastia de aumento é um processo caríssimo e difícil acesso então as travestis que recorrem ao silicone industrial para realizar a transição para o feminino, este feito é arriscado pelos riscos possíveis como a deformação do corpo, dores e até mesmo a

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

morte. Mas, a estética para as travestis significa assumir sua identidade, assim, realizar esses procedimentos significam proximidade ao feminino e de seu segundo nascimento.

De modo, que o segundo nascimento ocorre quando a travesti assume sua identidade, afirmando para si e aos outros que é mulher e não mais continua vivendo em um corpo masculino a partir da afirmação feminina houve um renascimento, a utilização do seu nome social é um dos direitos que a representam como mulher, portanto, quando é negado o direito de chama-las pelo nome feminino ocorre a negação de sua identidade, de tal modo que deslegitima sua identidade e negando a identidade, a nega como ser humano.

Por isso a travesti é considerada sujeito que desvia de seu gênero consequentemente não é integrada socialmente, tal violência está além da exclusão social implicando em agressões físicas e psicológicas, dessa forma, havendo a intencionalidade de não-aceitar e ademais apagar qualquer vestígio da travesti em sociedade, mesmo que ocorra a necessidade da morte. A travesti é morta, duas vezes a primeira de forma física e a segunda de maneira simbólica, a intenção do assassino é transmitir a mensagem que busca apagar a travesti do mundo, uma vez que ela está “burlando” as regras da normatividade.

O ser humano que não se inclui na heteronormatividade, logo sente-se excluído por não está enquadrado no casal mulher/homem, resultando no sentimento de diferença perante o homem cis ou a mulher cis. Dessa forma, a pressão social por não se reconhecer pelo seu órgão genital faz com que seja tratada como ser incorreto e amoral, uma vez que renuncia do que é considerado “comportamento correto”, este preconceito é vivido pelo gay, lésbica e bissexual, mas acaba sendo mais forte para a travesti e a mulher transsexual. Segundo Silva (1993, p.41), "A travesti tem dupla pele: a de purpurina e a de humilhação. Em que ordem não se sabe. Ou talvez numa pele só, tecida pelos dois ingredientes". Em vista disso, a humilhação na vida da travesti está presente a partir do momento que se compreende como travesti, sendo vítima de um processo de inferiorização que perpassa diversos caminhos como nas piadas, nas agressões físicas e psicológicas, logo vira mártir por ser desconstrução do gênero imposto e vive um julgamento social fazendo com que sejam discriminadas, como pecadoras, o modo de denominá-las com o artigo masculino é uma maneira de punição e não aceitar a identidade da travesti, mais uma maneira de puni-la. Resultando que a cada dia a travesti é mais excluída, e morta, a porcentagem de crimes de ódio cresce no Brasil, sendo o país que mais mata população transgênero, com a intenção de destruir a “anormalidade” que ser Travesti apresenta, o fato de assumir sua identidade é o motivo de sua aniquilação.

Dessa forma, os casos de transfeminicídio são crimes hediondos, a violência que vai além da busca por matar, sendo o apagamento total do ser e ainda um aviso as outras travestis que vivem com medo de serem as próximas vítimas. Portanto, a Travesti sofre transfeminicídio e além disso sofre com o machismo, já que aceita sua feminilidade. A sua monstruosidade é ser contra uma sociedade heteronormativa mesmo que indiretamente, uma sociedade que padronizou a identidade e diminuiu a sexualidade nos órgãos reprodutores, criando preconceitos expostos na sociedade arcaica que perpetuaram até a atualidade.

O assassinato é motivado pelo gênero e não pela sexualidade da vítima. Conforme sabemos, as práticas sexuais estão invisibilizadas, ocorrem na intimidade, na alcova. O gênero, contudo, não existe sem o reconhecimento social. Não basta eu dizer "eu sou mulher", é necessário que o outro reconheça este meu desejo de reconhecimento como legítimo. O transfeminicídio seria a expressão mais potente e trágica do caráter político das identidades de gênero. A pessoa é assassinada porque além de romper com os destinos naturais do seu corpo-generificado, faz isso publicamente. (Bento - BRASIL: PAÍS DO TRANSFEMINICÍDIO).

A principal motivação desses crimes é o fato que a travesti não aceitar seu gênero biológico e além disso exhibe a sociedade esta negação, de modo, que ao desconstruir o seu corpo masculino e criar o feminino é alvo de violências. Não só nas ruas a violência contra a travesti é encontrada, a humilhação ocorre até no âmbito familiar, a travesti é renunciada e martirizada, muitas vezes demora para assumir sua identidade por medo da represália dos pais, dos amigos e da sociedade, o medo constante da transfeminicídio, além disso, em grande parte das situações a violência vivida dentro de casa como os insultos e as agressões são denominadas “corretivas”.

Dessa forma, a Travesti por ser negligenciada e exposta as violências por ser quem é, acaba procurando por socorro em algumas instituições criadas pelas próprias travestis que buscam melhoria de vida e um lar e abrem as portas à outras travestis que passaram/passam pelo mesmo.

“Infelizmente, no Brasil, ser travesti e transexual é estar diretamente exposta à violência desde muito jovem. Começa na infância, família, depois na segunda instituição social que é a escola, que forma pessoas preconceituosas que vão reproduzir esse preconceito na sociedade em geral” (CORREIO BRAZILIENSE)

A transfobia ocorre por diversos fatores como a falta de informação, por conceitos religiosos, discursos moralistas e machistas criados culturalmente, de modo que as crenças retrógradas que consequentemente resultam em chacotas até exclusão social e o alarmantemente crescimento de casos de assassinatos dos LGTBS. Desse modo, ao desafiarem as convenções sociais, discutir sobre a temática da travesti tornou-se um tabu, foi enquadrado como um tema

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

complexo que atinge polêmicas por parte dos conservadores, que não permitem o debate e não estão dispostos a compreender o tema. Assim, diversas vezes esses mesmos conservadores estão em cargos voltados a população, como a política, e acabam ignorando uma parte de seus cidadãos: a população travesti.

Como por exemplo a escola que deveria ser o âmbito de acolhimento e ensino torna-se a instituição que segrega as travestis, virando a reprodução da violência que é encontrada socialmente, por isso muitas travestis não conseguem seu direito a educação. E se a educação gratuita já lhe é negada, a saúde também é, o acesso da travesti aos serviços básicos de saúde, algumas vezes acaba em violência física ou psicológica, sendo abusada nos lugares de deveriam ajudá-la por também ser uma cidadã, assim, o Estado falha outra vez já que em Constituição garante que todos deveriam ter acesso à educação e saúde.

Segundo o IBGE (2013): “A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas trinta e cinco anos, enquanto para a demais população é de setenta e cinco anos”. Em consequência, a travesti constantemente sente o medo da violência seja física ou psicológica por exemplo as agressões verbais que sofre em uma simples caminhada na rua, assim, vivem com o medo de ser assassinada só pelo fato de existir, a legislação no Brasil falha com a população LGBT que a cada dia tem seus direitos negados e o medo constante de perder alguns que já foram estabelecidos.

90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar. (ANTRA, 2018, p.18)

Recorrer a prostituição é o único meio, já que são excluídas do mercado de trabalho, a maioria das travestis não tiveram educação escolarizada por conta da falta de acesso e do bullying em sala de aula, uma parcela menor tem ensino superior, mas, infelizmente também vivem na prostituição por falta de vagas e aceitação no mercado de trabalho. Portanto, a Travesti não tem oportunidades, algumas não tem o mínimo de oportunidade como a educação básica e as mais privilegiadas que conseguiram ainda são marginalizadas e não exercem seus conhecimentos por causa da homofobia presente e inexistência de vagas.

Em consequência disso as travestis são obrigadas a prostituir-se em busca de uma subsobrevivência, ficando à mercê da violência nas ruas e do trabalho tornando-se alvos

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

fácies para transfóbicos, ademais diversas travestis acabam sendo portadoras de doenças sexualmente transmissíveis por causa da necessidade de envolver-se com os clientes, de maneira, o Estado falha em proteger e contribuir no auxílio para essas mulheres poderem transformarem suas vidas.

Segundo o ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais): “A cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil”. O homicídio qualificado da Dandara Kataryne foi filmado e postado na internet, os assassinos tinham a intenção de exibir a todos o que tinham feito, sem nenhum medo das consequências. Então, Dandara transformou-se em símbolo da luta pela sobrevivência da travesti, que está à mercê de sua própria sorte e luta, uma vez que as políticas públicas não cumprem sua função.

Sem dúvidas, ocorre uma falha no sistema, até em efetuar índices sobre a comunidade travesti, não ocorrem pesquisas voltadas para a porcentagem de violência e morte sofrida pelas mesmas, por isso os casos são esquecidos e não comentados. Dessa maneira, os índices são levantados por meio do próprio grupo LGBT.

“A associação mais comum é com a agressão física, tortura, espancamento e facadas. 85% dos casos os assassinatos foram apresentados com requintes de crueldade como uso excessivo de violência, esartejamentos, afogamentos e outras formas brutais de violência. O que denota o ódio presente nos casos. Onde vemos notícias de corpos gravemente mutilados, tendo seus corpos incendiados e jogadas de viadutos” (ANTRA,2018, p.21)

Esta violência é a exposição do ódio em sua forma mais cruel, mais visível e mostra-se nas piadinhas, na ignorância e na não-aceitação. A violência física e a morte são os extremos desses fatores menores que foram normalizados em sociedade, o ódio vivido pelas travestis está presente a todo momento. Os agressores cometem essas barbaridades e não são presos, grande parte dos casos não chegam à julgamento, assim, eles estão livres para aproveitarem suas vidas enquanto as vítimas transformam-se em estáticas. E também, sofrem uma morte simbólica todos os dias, uma vez que negam seu feminino e sua existência.

No próximo tópico será abordado a travesti no conto “*Erro de Cálculo*” de Sergio Sant’anna, buscando analisar o protagonista: um homem hétero, que sente atração nas travestilidades, e também discutir a personagem travesti na sociedade heteronormativa exposta no conto.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

4 MANIFESTAÇÃO DA ATRAÇÃO/IDENTIFICAÇÃO DO SER PELO DESEJO NAS TRAVESTILIDADES

Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância,
Já que viver é ser livre.
Simone de Beauvoir

Sérgio Andrade Sant’Anna e Silva, escritor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 1941, começou sua carreira literária publicando em revistas, logo inicia sua prática de escrever contos, mesmo com sua vasta composição que envolve poesias, peças de teatro, romances. Sérgio se intitula um contista, mantém uma longa carreira literária com publicações conhecidas, uma delas é o *Voo da Madrugada* (2003) que foi premiado com o Jabuti em 2004, em sua obra existe um tom irônico e cáustico, seus temas sobre o homem, despertam reflexões sobre a sociedade, uma linguagem que busca provocar ao leitor, existe a tendência ao obscuro e essas zonas sombrias causam espantos para um leitor que não está acostumado com uma literatura que aborde temas transgressivos com franqueza, temáticas como a morte, a falta de entendimento com a sexualidade e o erotismo como denúncia, o íntimo dos personagens e seu imaginativo aterroriza em seus contos: a loucura, o desejo, o medo da solidão e da morte do ser, delírio e a condição humana de viver em seu próprio “eu”.

Em Sérgio Sant’Anna, uma exposição de quadros (“Uma Visita, Domingo à Tarde, ao Museu”), um ato sexual (“Duetto”), jogos de futebol (“No Último Minuto”, “Na Boca do Túnel”) ou o microcosmo contido num abrigo de mendigos (“O Albergue”) são pontos de partida para uma reflexão metalinguística. Sua intenção, porém, não é expor os andaimes do texto, mas mostrar como todo evento guarda uma semente de estranheza que pode nos ajudar a escapar de nossa “vida dura e insípida” (como ele escreve no conto que dá título ao livro *O Voo da Madrugada*, de 2003, em que o narrador viaja num avião que transporta corpos das vítimas de um acidente). (COSTA PINTO, 2004, p. 115)

De tal forma, o autor expõe temas vistos pela sociedade como comuns e construídos socialmente, ele desconstrói e utiliza da obscenidade como meio de acusar, em temas cotidianos como o amor, a vida e a morte. Enfim, temas tão corriqueiros são descritos de uma maneira realista, e muitas vezes, até mórbida, ademais inclui temas julgados como tabus para a sociedade, expondo em suas obras, dando espaço para debates – a sexualidade, a travesti, a solidão –. De acordo com Jacques Rancière (2009), “O real precisa ser ficcionado para ser pensado” assim, uma maneira de expor a temática por meio da literatura como manifestação, para que seja o retrato da sociedade para ser utilizado da ficção para que o leitor se atente ao real. Seus escritos ocorrem em um universo urbano, conversando com as pessoas deste meio, em diversas vezes, ocorre a retratação da arte plástica, do teatro, música e cinema, sua obra

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

dialoga com diversos tipos de arte, utilizando de uma escrita metalinguística, ele descreve e mostra o seu olhar perante as obras.

Desta maneira, a sua obra *Voo da madrugada* (2003) expõe contos que abordam temas considerados restritos e poucos discutidos em sociedade, de modo o autor visa tornar público e colocar o dedo nas questões que a sociedade finge não enxergar ou trata com desprezo. Visto isso, no conto “Um erro de Cálculo”, possuindo um narrador onisciente neutro que descreve algumas experiências do personagem principal com a travestilidade, um homem comum, hétero, pai de família que começa a refletir sobre a decisão de estar com uma travesti dentro do carro buscando repassar os acontecimentos que o podem ter levado a tal escolha. Portanto, Sant’anna decide abordar em seu conto: a travesti, temática e ser tão esquecido pela sociedade e não compreendido. O texto começa da seguinte forma:

Houve os momentos em que o homem de trinta e dois anos, Maurício, sujeito em princípio comum, advogado, com o travesti muito jovem dentro do carro, teve uma série de percepções súbitas e intensas. (SANT’ANNA, 2003, p.37)

O protagonista é um sujeito fácil de encontrar em sociedade: um homem heteronormativo que construiu sua família e com sua profissão estabilizada, estando inserido na classe média e nos padrões estabelecidos de realização pessoal. A estrutura tradicional da vida do homem que necessita da construção de uma família, uma formação acadêmica e uma boa condição financeira.

Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem (LOURO, 2008, p. 22).

Culturamente criou-se a idealização do homem a ser seguido em sociedade que foi posicionado como meta que correspondente ao padrão, desse modo, o sentido de felicidade seria alcançar o ideal em sociedade e quem não seguir ou não alcançar é logo marginalizado, mesmo a imposição desses padrões são percebíveis de maneira explícita, nos discursos e implicitamente desde o nascimento o homem é conduzido a segui-los. É notável que o personagem já está estabelecido nesse ideal, mesmo assim, Maurício está com uma travesti e começa a indaga-se e tentar compreender o sentido daquela escolha.

um desejo de clandestinidade, de novidade, de encontrar naqueles seios o que sua mulher, depois de dois filhos, não podia mais oferecer, nem que fizesse uma operação plástica, porque era também – e isso para ele – uma questão psicológica envolvendo a maternidade, leite nos seios,

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

numa relação que já seguira uma parte de seu curso de família feliz e convencional, quando então podia sentir-se mortalmente entediado. (SANT’ANNA, 2003, p.37)

O personagem está à procura de novas emoções, uma vez que considera que sua esposa já não é atraente depois da gravidez, este conceito que o homem perde a atração sexual pela esposa depois da gestação é algo que surge de uma cultura machista que permite que a mulher seja inferiorizada e responsabilizada pelo caso extraconjugal, impondo também o molde do corpo feminino aos padrões estabelecidos, obrigando-a seu enquadramento independente do custo. E também, atrelando-se a frustração do personagem com o casamento que é denominado como “a família convencional e feliz” que se torna infeliz e uma obrigação. Portanto, o personagem culpa sua esposa e a gestação pelo desapontamento com o casamento e procura um modo de trazer novas sensações para si buscando pela travesti.

Nesse sentido, a travesti aparece como uma válvula de escape da frustração do personagem, Maurício, que nesse momento, lembra-se da sua irmã, um pouco mais velha, que na pré-adolescência tiveram um envolvimento íntimo, dividindo o mesmo quarto na fase de desenvolvimento do corpo e da sexualidade, tema que não é debatido pelos pais e acaba gerando problemáticas já que o pré-adolescente não compreende o processo. Moita Lopes (2003) afirma que: “A adolescência é considerada um momento na vida quando as pessoas estão envolvidas na construção de um sentido coerente de quem são no mundo social”. Desse modo, o fato de estarem construindo quem são em sociedade, a fase de descoberta ocasionou o aumento da atração física e a curiosidade com o corpo de outro gênero, resultou na curiosidade múltipla dos irmãos. Com isto, o personagem traz à tona uma série de pensamentos e reflexões para entender o porquê de estar com a travesti naquele momento, só que nada indica ou comprova que o incesto tenha desencadeado o interesse de Maurício sobre a travesti. Talvez, o interesse do personagem possa ser ocasionado pela vontade de se compreender como uma travesti, em alguns momentos de sua reflexão, é afirmado que: “E ele chegara a conversar com a irmã sobre a sua vontade de conhecer como era ter seios.” E ainda, “E uma noite, quando estavam a sós em casa, ele pusera um vestido de Lúcia” o interesse pelo corpo feminino e suas feminilidades está presente em todo o texto, observando o contexto de Maurício que a partir dos doze anos já se envolve com pessoas do gênero oposto, ele poderia ter acabado se condicionando para a heteronormatividade sem questionar sobre sua identidade de gênero. Louro afirma que:

E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (LOURO, 1997, p. 24).

Na sociedade heteronormativa o ser já é condicionado a performar o papel de identidade que o seu órgão sexual o impõe, em vista disso o pensamento sobre a identidade de gênero não é presente nesta sociedade, observando desse modo homogêneo, a identidade é vista como singular para todo o ser humano, porém, a identidade é criada pelos plurais que é construída a partir das vivências do ser, ademais a identidade não é algo permanente e está sempre em completa modificação.

Portanto, a visão simplista da sociedade heteronormativa da identidade resulta na ignorância sobre as outras maneiras de ser. Observando que a sociedade produziu um padrão, então é possível que o ser não compreenda que tem outras vontades e que não as entenda, de tal forma que Maurício poderia se identificar com a travesti por ter vontade de performar feminilidade. Esta que igualmente a masculinidade foi criada baseando no sexo biológico, a construção social do que é ser mulher em sociedade, para Bourdieu (2003) é a arte de fazer-se pequena, a mulher deve permanecer “delicada” e “composta”, nesta imposição é refletida nos gestos, no corpo, nas atitudes, nas roupas, em geral em si própria. Esta dominação colabora com a diferença nos papéis sociais.

A postura submissa que se impõe às mulheres [...] revela-se em alguns imperativos: sorrir, baixar os olhos, aceitar as interrupções etc. [...] as pernas que não devem ser afastadas etc. e tantas outras posturas que estão carregadas de uma significação moral. Como se a feminilidade se medisse pela arte de “se fazer pequena” [...]. Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurada por suas roupas [...]: ora com algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de se sentar etc.); ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, [...] E as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens – do mais alto escalão – como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher (BOURDIEU, 2003, p. 39-40).

Ou seja, a travesti identifica-se mulher e por consequência do padrão de gênero também sofre com a imposição da feminilidade em busca do reconhecimento social da sua identidade feminina, analogamente ao que ocorre com as mulheres cis e transexuais, as travestis acabam por sofrer com o machismo e com a homofobia por estarem negando o gênero que seu órgão determina. Por isto, segue a seguinte afirmação:

A travestilidade é um processo contínuo de produção de subjetividade marcado pela construção constante, pelo nomadismo, pela transitoriedade; enfim, pela descontinuidade e pelo enfrentamento às categorias e normas estabelecidas (PELÚCIO, 2013; PERES, 2012).

A travesti é, constantemente, transgressiva e está sempre em busca de construção do seu corpo feminino, sendo também desconstrução, em virtude da quebra dos moldes estabelecidos; vive pela resistência para sobreviver em uma sociedade heteronormativa, como resultado da não-aceitação da imposição social foi marginalizada.

No conto, o personagem Maurício, em outros momentos de sua vida, além da pré-adolescência, demonstra interesse pelo feminino. Até depois do casamento, ele mantém a vontade de utilizar roupas femininas, inclusive utilizando de maneira sexual. “E propôs a Letícia que cada um pusesse roupas do outro, para se divertirem. Ele chegou a colocar, além de um vestido, uma calcinha dela”, em todo esse processo, o personagem se mostra muito excitado, de certo encontra prazer com o ato. “Ele se sentiu extremamente excitado quando, com ele deitado na cama, Letícia levantou o seu vestido, nele, Maurício, e, também baixando nele sua calcinha”. Dessa maneira, o personagem exibe está confortável com o ato de vestir-se com roupas voltadas para o padrão feminino, todavia logo preocupa-se com sua masculinidade. “E chegou a pensar se, por causa do lance do vestido, Letícia não se fizera indagações sobre a sua masculinidade”. Portanto, a questão da masculinidade é significativa para o personagem por razão da construção social que não permite que o homem faça indagações sobre virilidade, em consequência que o conceito de masculinidade ultrapassa o homem individual, uma vez que, só um homem não é detentor dessa masculinidade. E de fato, desde seu nascimento, ele é inserido na cultura da masculinidade, a partir do momento da descoberta do sexo do bebê inicia-se o padrão visando que a criança torne-se “homem”.

Segundo Boris:

O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir – e consequentemente reforçar – para os homens como adequadamente masculino é construído através de um conjunto de manobras de defesa: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma da ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros. (BORIS, 2002, p. 25)

Historicamente foi inventado um comportamento ideal para que o homem exiba sua masculinidade e somente dessa forma ele poderá identificar-se como homem, por isso esse modo de viver é reforçado desde do nascimento para poder construir a masculinidade do ser, o homem é construído para repudiar qualquer demonstração do que é relacionado ao feminino, deverá transparecer só sua virilidade que corresponde a heteronormatividade. Portanto, o homem não pode demonstrar sentimentos ou atos que correspondam ao ser visto como inferiorizado que é a mulher.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

Destarte, há um modelo social que o ser masculino deve seguir e como não há um tipo homogêneo de homem, há diversos formatos dessa masculinidade, apesar disso, a prática cultura é embasada em uma série de signos e significantes como o vestir azul do menino e outros fatores que podem parecer mínimos porém cooperam com este discurso que estrutura o reconhecimento do homem como “macho”, seguindo esse perfil de masculinidade elabora-se a ideia de masculinidade hegemônica:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.31)

Nessa perspectiva, o personagem do conto está inserido na sociedade patriarcal que vivência uma masculinidade hegemônica que especifica como homem deve se portar em relação a outros homens e especialmente aos não-homens, coloca-o como ser central na relação de poderes, inferiorizando o feminino ou tudo que negue a masculinidade como a travesti ou qualquer integrante da comunidade lgbt. – A masculinidade como substância que servirá para justificar a conduta masculina – A busca incansável pelo padrão-normativo do macho é prejudicial tanto para os não-homens como para os homens. O Maurício, protagonista é vítima dessa masculinidade que não o faz perceber que em seu interior existe o desejo pelo feminino pelo medo de perder sua “virilidade”. No próximo trecho é exibido a terceira vez que provou um vestido e também o feminino:

Mas não havia ficado em duas vezes o uso, ou quase isso, de um vestido por parte de Maurício, só que a terceira vez fora tão solitária e secreta que podia, perfeitamente, passar, até para ele próprio, como se não tivesse acontecido. E, mesmo ele se reconhecendo, uma vez ou outra, mas rara, em tal acontecimento, foi preciso um encontro como aquele, na Glória, para que se formasse um nexos mais consistente entre os três episódios. (SANT’ANNA, 2003, p.39)

Desse modo, Maurício faz uso do vestido até em seu íntimo, utiliza-o em um triângulo, três pontas e em três fases: com sua irmã, sua esposa e com sua individualidade, o vestido de Maurício virou o seu segredo, ficando aguardo em sua memória como se não houvesse existido, podendo ignorá-lo até naquele dia, no entanto, o encontro com a travesti, traz de volta todos os episódios e não há como fugir. Então, começa a descrição do terceiro momento:

E, tendo saído do banho, enrolado numa toalha, de repente, já no quarto se viu sexualmente excitado ao abrir a porta do armário dele e da mulher, como se o silêncio e sua solidão no aposento o introduzissem num território proibido, das coisas escondidas, onde se reavivava o desejo perdido. E, cedendo a um impulso, Maurício atirou a toalha na cama e pegou um dos vestidos de tecido mais leve de Letícia. Apertou-o contra o corpo e, mirando-se, febril, no espelho, com o

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

coração acelerado, teve uma ereção tão forte que tinha de ser apaziguada. (SANT’ANNA, 2003, p.40)

Os vestidos representam tudo aquilo que Maurício necessita conter para continuar vivendo sua vida convencional, o afastamento da ideia do feminino é necessário para continuar com sua masculinidade. Por consequência, a vestimenta feminina é a sua proibição, seu temor e também seu desejo, resultando na excitação pela roupa feminina, podemos perceber que ele seleciona a mais leve, deste jeito, podendo simbolizar a delicadeza que é submetida na construção da mulher e da feminilidade, todas as emoções vividas por Maurício depois de apertar o vestido em seu corpo são voltadas ao ápice da excitação, o vestido é o seu prazer. Este terceiro episódio liga-se aos anteriores quando ele pensa nas figuras femininas que estavam ao seu redor no momento que utilizou os vestidos, contudo, o vestido é a figura principal de sua excitação. Ele continua descrevendo o momento:

Tratava-se, agora, de um desejo de outra ordem, e a mulher que atravessou a mente de Maurício era imaginária, concebida, apesar de fugidamente, de sua vontade mais profunda, com um corpo delicado e esguio, pernas rijas, seios pequenos, feições bonitas e gentis. E, no meio de suas sensações, Maurício percebeu claramente que aquela mulher, imaginária no vestido, estava ali com ele mesmo, em seu corpo, quase como se fizesse parte dele. E Maurício teve de usar toda a sua força de vontade para interpor a toalha entre o seu pau e o vestido, antes de esvair-se numa ejaculação, para não manchar a roupa de Leticia. (SANT’ANNA, 2003, p.41)

A mulher na qual ele idealizou e descreveu suas características detalhadamente que poderia ser o próprio ao passar pelo processo de transição. De tal forma, o personagem identifica-se com a criação de uma beleza feminina, e além disso percebe que ela está dentro dele, muitas travestis quando abordas sobre qual foi o motivo da transição, elas afirmam que havia uma mulher dentro delas e que deveriam assumi-la, então o processo de percepção de Maurício é muito similar ao da travesti. E ao perceber-se como mulher, identificando-se e fazendo parte de si, Maurício outra vez chega ao ápice da excitação, provavelmente porque a ideia de uma identidade feminina o faz sentir satisfação. Mas, a sua construção foi heteronormativa, então o personagem nunca refletiu sobre sua identidade de gênero. Como mesmo afirma: “Ao mesmo tempo em que fora muito precocemente masculino, ele tivera uma intimidade muito maior com o feminino do que seria de se esperar num garoto” Maurício já estava desenvolvendo precocemente sua masculinidade sem refletir sobre ela, sendo isto esperado pela sociedade já que o padrão estabelecido é a identificação do seu gênero pelo seu órgão sexual, porém, o personagem consegue ter acesso ao feminino e identificar-se com ele.

Por outro lado, já lhe tendo vindo à mente, com toda a força, a figura da irmã, por alguns momentos viu em Branca, com seu vestidinho, junto com a imagem de Lúcia, a dele próprio,

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

Maurício. Ele, que já pusera vestidos mais de uma vez, sabia que não lhe era totalmente estranho o papel de Branca. (SANT’ANNA, 2003, p.41)

Maurício inicia pensando nas figuras femininas que estavam nos momentos íntimos de provar os vestidos, rapidamente volta a pensar na figura de Branca, a travesti que estava com ele, e tudo que Branca representava estava transmitindo significado, a imagem de Branca é a dele, Maurício reflete em sua decisão e a resposta é que ele se enxerga nela, uma vez que nota a sua intimidade com o feminino, ele sabia que tudo que Branca é, ele já conhecia.

E ali, enquanto olhava, beijava, acariciava com as duas mãos os seios de Branca, que tinha a parte superior do vestido aberta, Maurício circunvia, em frações infinitas de tempo, tudo o que o levava até justamente aquele ponto, naquela noite, em companhia de quem estava. Com o coração batendo muito forte, percebeu o que no íntimo já sabia: que sua atração desmesurada por seios pequenos, juvenis – que vinha desde os tempos em que eles despontaram na irmã e ela deixou que ele brincasse com eles – podia chegar às raias de tê-los em si. (SANT’ANNA, 2003, p.41)

No último parágrafo enquanto descreve suas intimidades, é observado o corpo de Branca e como em uma epifania, todas as reflexões feitas sobre os incidentes que o levou até aquele momento de sua vida são respondidos, ele compreende que a sua atração pelos seios pequenos e pelo feminino era a vontade de tê-los em si. Então, seu desejo era de ser Branca, de ser uma travesti, o reconhecimento e seu íntimo com o feminino é o espelho da mulher que ele tinha dentro de si. Só que o personagem não soube reconhecer antes desse momento, ele sentia mas não conseguia entender, possivelmente por causa que a sociedade heteronormativa implica em sua vida e na reflexão de sobre quem você é, muitas vezes ocorre que o medo do preconceito, da dor de ser uma pessoa que nega esses padrões faz com que o ser não queira entender sua identidade.

De modo, Maurício afirma: “Já que foi admitido pelos seus pais que ele era *um erro de cálculo*” Ao refletir sobre esta afirmação podemos retirar umas conclusões, a conclusão mais óbvia é que ele seria um erro pelo fato de ser uma gravidez não planejada, como também poderia ser porque não nasceu menina ou talvez o autor coloque esse título já para que o leitor o interprete de seu modo, além do mais há outra interpretação que o erro de Maurício foi não conseguir desenvolver-se em sua identidade plena, nisso demorando trinta e dois anos para conseguir se compreender, porém, Maurício não tem culpa, pelo motivo que é difícil viver em uma sociedade que não permite ocorrer diálogos sobre identidade de gênero e que molda as pessoas e espera que todos sigam os modelos impossíveis de serem seguidos por todos em uma sociedade pluralizada. Certamente, Sérgio Sant’anna percebe a necessidade de tratar dessas temáticas expondo-as em seus escritos, por isso um tema como a travesti que reflete

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

sua condição de marginalizada até na literatura pela existência de pouquíssimos textos que a abordem de maneira humanizada, assim, Sant’anna trata da temática para gerar debates, aborda pelo obsceno e cumpre seu papel de gerar discussão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi elaborada pensando na temática travesti e sobre sua abordagem em sociedade, está correto afirmar que a partir dos anos 2000, ocorre um aumento significativo das pesquisas acadêmicas sobre o tema. Porém, a travesti ainda é marginalizada mesmo que seja alvo de pesquisas, ademais está a margem socialmente significa invisibilidade social, uma vez que não tem acesso aos direitos mínimos como o trabalho regularizado, a educação e saúde pública.

O próprio Estado que é responsável por seus cidadãos acaba negligenciando e muitas vezes colaboram para esta exclusão, ao debater sobre a vivência da travesti é visto uma vida de martírio e resistência, na tentativa de conseguir sobreviver, e também viver, de maneira, que existe na tentativa de se afirmar com sua identidade.

A pesquisa acadêmica sobre a travesti se faz necessária para poder dar voz a população que foi silenciada e está sendo vítima de um genocídio. Desse modo, é necessário que obras literárias abordem a temática como fez Sant’anna que expõe o tema com a intencionalidade de denunciar os acontecimentos que estão presentes no cotidiano da travesti, a literatura é representação da sociedade e sempre foi utilizada de maneira engajada, portanto, a expondo os problemas sociais.

Desse modo, discutir sobre a travesti é buscar mostrar a uma sociedade excludente por causa de construções sociais que o ser pode transpassar por qualquer imposição construída em fatores de relação de poder como a igreja e o patriarcado. Indubitavelmente, a travesti é desconstrução ao admitir sua identidade e procurar resistir na sociedade heteronormativa que não a compreende.

REFERÊNCIAS

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. Disponível em: <https://www.facebook.com/antrabrasil/>. Acesso em 10 jan. 2018.

ARGENTIERI, S. **Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação**. *Jornal psicanalítico*, 77 (42), 167-185. (2009)

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

AZEVEDO, Longaray, Deise & Regina Costa Ribeiro, Paula. (2016). **Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade**. Revista Estudos Feministas. 24. 761-784. 10.1590/1806-9584-2016v24n3p761.

BARBOSA, B. C. (2010) **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 130pp.

BRAZILIENSE. CORREIO. **Assassinatos de travestis e transexuais é o maior em dez anos no Brasil**. Acess in:

https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/01/25/internas_polbraeco,655794/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasi.shtml

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **Brasil: país do transfeminicídio**. Acess in:
<https://www.revistaforum.com.br/brasil-o-pais-transfeminicidio/>

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2003.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA PINTO, Manuel da. **Sérgio Sant’Anna**. In: Literatura brasileira hoje. São Paulo: Publifolha, 2004. pp. 114-116 (Folha explica, 60)

CONNELL, Robert W, MÊS SERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, janeiro-abril, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. **Foucault e os estudos queer**. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. Para uma vida não fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas - SP, v. 19, n. 02, p. 17-23, mai./ago. 2008.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 201.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MILSKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias. Porto Alegre, Dossiê, ano 11, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

Késsia Poliana Santos Soares | Joranaide Alves Ramos

MOITA LOPES, Luiz P. da (org.). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.**

Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

PELÚCIO, Larissa. **Três Casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 14, n. 2, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e política.** Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANT’ANNA. Sérgio. **O voo da Madrugada.** São Paulo: Companhia das letras. 2003

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. **Violência de Gênero: Poder e Impotência.** Rio de Janeiro, Revinter Ltda, 1995.

SILVA. Hélio R. S., **Travesti, a Invenção do Feminino,** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993.